

FAMIG - FACULDADE MINAS GERAIS

BRENDA GABRIELLE FLORENTINO AMBROSIO

THAÍS GONÇALVES DE OLIVEIRA

**CONTINGÊNCIAS FINANCEIRAS, FALHAS GESTIONÁRIAS E DECLÍNIO
PATRIMONIAL ORGANIZACIONAL DECORRENTES DA PANDEMIA DO COVID-**

19: apontamentos a partir de uma pesquisa bibliográfica

Belo Horizonte

2022

BRENDA GABRIELLE FLORENTINO AMBROSIO
THAÍS GONÇALVES DE OLIVEIRA

**CONTINGÊNCIAS FINANCEIRAS, FALHAS GESTIONÁRIAS E DECLÍNIO
PATRIMONIAL ORGANIZACIONAL DECORRENTES DA PANDEMIA DO COVID-**

19: apontamentos a partir de uma pesquisa bibliográfica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a
Famig - Faculdade Minas Gerais, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em
Ciências Contábeis

Orientador: Luiz Antônio Carvalho Godinho

Belo Horizonte
2022

*Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim
decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar;
porque descobri, no caminho incerto da vida, que o
mais importante é o decidir.*

Cora Coralina

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como tema central, o estudo dos fatores, internos e externos, que podem acelerar o processo de falência ou de degradação do patrimônio de uma empresa, tendo como objetivo identificar os fatores de vulnerabilidade e buscar possíveis soluções. Baseando-se em pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, realizada através de coleta de dados por meio da seleção de descritores relacionados ao tema. No referencial teórico foram abordados os fatores gerenciais que podem causar, ou acelerar a degradação de um estabelecimento empresarial e a falência econômica, até de empresas consolidadas. Serão citados fatores como: a falta de estrutura organizacional; a falta de bons profissionais contábeis; a falta de ética; entre outros. Teremos, contudo, maior foco nos fatores externos, como crises econômicas e crises globais, levando como exemplo principal a pandemia de Covid-19 e seus impactos para a saúde financeira de várias organizações, tal qual, para seus impactos na economia mundial. A análise de dados foi realizada através de exploração do conteúdo acima relacionado, e os resultados preliminares apontam para a mudança da gestão do desempenho empresarial.

Palavras-chave: Vulnerabilidade; Fatores Externos e internos; Crise; Pandemia.

ABSTRAT

This research has as its central theme the study of factors, internal and external, that can accelerate the process of bankruptcy or degradation of a company's assets, with the objective of identifying vulnerability factors and seeking possible solutions. Based on bibliographic research of a qualitative nature, carried out through data collection through the selection of descriptors related to the theme. In the theoretical framework, the managerial factors that can cause or accelerate the degradation of a business establishment and the economic bankruptcy, even of consolidated companies, were addressed. Factors such as: lack of organizational structure; the lack of good accounting professionals; the lack of ethics; between others. We will, however, have a greater focus on external factors, such as economic crises and global crises, taking the Covid-19 pandemic as a main example and its impacts on the financial health of various organizations, as well as its impacts on the world economy. Data analysis was carried out through exploration of the content listed above, and the preliminary results point to a change in business performance management.

Keywords: Vulnerability; External and internal factors; Crisis; Pandemic.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	DESENVOLVIMENTO.....	3
2.1	Empresa Consolidada	3
2.2	Patrimônio	4
2.2.1	Patrimônio de Afetação.....	5
2.2.2	Patrimônio de Imagem.....	6
2.2.3	Patrimônio de Informação	6
2.3	Vulnerabilidade Empresarial	7
2.4	Necessidades da Estrutura Organizacional	8
2.5	Ciclos econômicos e instabilidade financeira conjuntural	10
3	DICAS PARA RECUPERAÇÃO EMPRESARIAL	15
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
	REFERÊNCIAS.....	18

1 INTRODUÇÃO

Os objetivos básicos da criação de uma empresa, em geral, são gerar lucro, obter crescimento e garantir continuidade no mercado. Porém, estudos apontam, que apenas a minoria das empresas realmente alcança esses objetivos e se torna consolidada em seu mercado de atuação. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017) aponta que, cinco anos após serem criadas, mais de 60% das empresas fecham as portas devido a vários fatores administrativos ou contábeis ligados à má gestão empresarial. Nesse contexto, mesmo as empresas que se consolidam no mercado são vulneráveis a crises decorrentes de fatores como a ciclicidade da economia, as contingências do mercado e as falhas administrativas. Um dos fatores mais agressivos à saúde financeira de uma organização são as crises econômicas, decorrentes de fatores externos inesperados, como por exemplo a pandemia do Covid-19, que atingiu a economia em âmbito mundial.

A fim de compreender as possíveis causas da vulnerabilidade financeira, principalmente o impacto da pandemia nas empresas brasileiras, este trabalho tem como tema: Contingências financeiras, falhas gestionárias e declínio patrimonial organizacional decorrentes da pandemia do Covid-19: Apontamentos a partir de uma pesquisa bibliográfica. Tendo como pergunta investigativa a seguinte questão: Quais fatores associados à crise econômica decorrente da pandemia de Covid-19, ajudaram a acelerar a degradação do patrimônio de diversas empresas no Brasil? Para responder a essa pergunta de pesquisa, o objetivo geral deste trabalho consiste em identificar os fatores de vulnerabilidade e buscar possíveis soluções para os mesmos. Nesse contexto, os objetivos específicos buscam: a) definir o que é patrimônio; b) identificar características de uma empresa consolidada; c) detectar o nível de vulnerabilidade de uma empresa consolidada em relação a fatores potencialmente degradantes; e d) Identificar os principais impactos que as empresas sofreram por causa da pandemia, no Brasil.

Nosso foco é desenvolver um material bibliográfico, tendo como base um estudo detalhado, feito através da observação de livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, concernentes ao tema proposto. Neste padrão, os dados reunidos nos auxiliarão na identificação e possível solução de fatores, internos ou externos, que colaboraram para o declínio patrimonial que muitas empresas sofreram por conta da

crise econômica que enfrentamos no Brasil desde 2020. Nossa pesquisa será desenvolvida através da reunião de dados bibliográficos de natureza qualitativa, através da seleção e consulta de conteúdos relacionados ao tema. Segundo Gil (2007), nesse tipo de abordagem os dados obtidos não são analisados numericamente, uma vez que suas variáveis não podem ser mensuradas, ao contrário do que acontece na pesquisa quantitativa. Foram reunidos dados estáticos relacionados ao período econômico que vivemos desde março de 2020 no Brasil. Momento em que a sociedade, não só nacional, mas mundial foi surpreendida com uma doença mortal e ainda desconhecida por muitos. Vale ressaltar que, as informações aqui reunidas também contam como material bibliográfico sobre tal tema.

A escolha temática deste trabalho é relevante, em primeiro lugar, por se tratar de um tema atual, inserido em um contexto no qual diversos trabalhos têm focalizado formas estratégicas de crescimento das empresas em uma conjuntura na qual ainda se observam impactos da crise econômica sobre o mercado financeiro nacional e global. Nossa pesquisa também oferece um panorama de estudos relacionados ao tema, destacando-se pelas contribuições de outros trabalhos de nichos semelhantes.

Este trabalho se justifica, ainda, por abordar um tema de grande atualidade, isto é, a falência econômica de empresas amplamente consolidadas em decorrência da pandemia. Se, conforme a literatura tem apresentado a taxa de mortalidade das micro e pequenas empresas é bastante alta, devido a fatores como a dificuldade em competir com empresas de grande porte, o fato de essas próprias empresas, que dominam determinados nichos do mercado, também enfrentarem fortes crises financeiras merece ser estudado por se tratar de um fenômeno aparentemente contraditório. Ao identificar os principais problemas que vêm afetando grandes empresas, caracterizadas por uma suposta gestão sólida e estável, além de hegemonia no mercado, esta pesquisa pode contribuir para a literatura referente aos impasses enfrentados por grandes organizações.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Empresa Consolidada

Logo de saída, um primeiro conceito que precisa ser definido consiste na noção de empresa consolidada. Consolidação, do latim consolidation, é a ação e o efeito de consolidar ou de se consolidar (dar firmeza, segurança e solidez a algo). O conceito é frequente na economia, admitindo diversas acepções. A consolidação de uma dívida consiste em converter uma dívida provisionada numa dívida estável. A consolidação de uma companhia, por outro lado, é a integração dos vários balanços de empresas filiais num só balanço de uma sociedade-mãe. O processo pode implicar a transferência de ativos. Com a consolidação, são agrupados estados financeiros de duas ou mais empresas que sejam juridicamente independentes.

No processo de consolidação, a construção da marca é uma das principais tarefas de uma empresa, uma vez que a marca será o fator fundamental na pavimentação do caminho para o sucesso do negócio e de seus profissionais. Uma empresa consolidada apresenta as seguintes características: capta clientes com maior facilidade, por se tratar de uma marca/empresa já conhecida; destaca-se e diferencia-se dos concorrentes; possui alta precificação de serviços, pois se a marca tem uma reputação positiva e é reconhecida no mercado, a tendência é que o cliente valoriza mais o serviço prestado e aceite com maior facilidade o valor cobrado; e facilita a decisão de compra, pois uma marca reconhecida no mercado gera confiança e maior segurança ao cliente, que se sente tranquilo para realizar a compra/contratação. Entre as empresas consolidadas, situam-se, principalmente, as chamadas grandes empresas. Segundo órgãos como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas/SEBRAE (2012), um critério numérico (número de funcionários) pode ser adotado na categorização das organizações empresariais, como se vê no quadro abaixo:

Quadro 01 - Classificação das empresas	
DESIGNAÇÃO	NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS
Microempresa	Setor industrial: até 19; setor de comércio e serviços: até 9.
Pequena empresa	Setor industrial: entre 20 e 99; setor de comércio e serviços: entre 10 e 49.
Média empresa	Setor industrial: entre 100 e 499; setor de comércio e serviços: acima de 99.
Grande empresa	Setor industrial: acima de 499; setor de comércio e serviços: acima de 99.

Fonte: Adaptado de SEBRAE (2011, s.p.).

2.2 Patrimônio

Toda empresa, independente do seu tamanho, possui bens que são fundamentais para a continuidade de suas atividades, e estes são chamados de patrimônio. Patrimônio é um conceito contábil oriundo do latim *patrimonium* (*patri*, pai + *monium*, recebido), composto pelo conjunto de bens, direitos e obrigações de uma pessoa física ou jurídica. Entende-se por bens as coisas úteis, capazes de satisfazer as necessidades das pessoas e das empresas. Histórica e cientificamente, definiu-se que a civilização teve seu início no período de 10.000 a 4.000 a. C., conhecido como Idade da Pedra Polida, ou período Neolítico, no qual ocorreu o surgimento de costumes que temos até os dias de hoje, como: o desenvolvimento da agricultura, a domesticação de animais, organização social, construção de habitações, desenvolvimento da religião, construção de barcos, cerâmica, tecelagem e a propriedade privada (SOUZA, 1977).

Todas essas realizações levaram ao desenvolvimento social e econômico do ser humano. É nesse momento que surge a necessidade de controlar e proteger aquilo que as pessoas possuem, de modo que cada qual passa a cuidar de sua riqueza individual. Com o passar do tempo, teve início a prática do comércio: primeiramente, por meio de trocas; depois, com a utilização de moedas. Esse desenvolvimento levou ao surgimento de um sistema econômico crescente e lucrativo para a maioria das

pessoas que comercializavam algum produto ou serviço. "À medida que o homem começava a possuir maior quantidade de valores, preocupava em saber quanto poderiam render e qual a forma mais simples de aumentar as suas posses; tais informações não eram de fácil memorização quando já em maior volume, requerendo registros." (ZANLUCA & ZANLUCA, s.d., s.p.). Foi neste período que, mesmo de forma ainda indefinida, surgiu a ciência de contabilizar, registrar e controlar aquilo que se possui.

O patrimônio é formado pelo conjunto de bens de uma empresa. A esse respeito, a explicação de Marion (2009, p. 38-40) é esclarecedora:

Se eles têm forma física, denominam-se bens tangíveis: veículos, imóveis, estoques de mercadorias, dinheiro, móveis e utensílios (móveis de escritório), ferramentas, etc. Os bens incorpóreos, não constituídos matéria, denominam-se bens intangíveis. Normalmente, as marcas que constituem um bem significativo para as empresas (Nike, Coca-Cola) e as patentes de invenção (documento pelo qual o Estado garante a uma pessoa ou empresa o direito exclusivo de explorar uma invenção) são exemplos de bens intangíveis. Entende-se por direito os valores a receber, títulos a receber, contas a receber etc. Já as obrigações são dívidas com outras pessoas, como contas a pagar, pagamento de impostos e taxas, etc.

Dentro desses conjuntos, os bens ainda são divididos em circulantes, não circulantes e investimentos imobilizados. Cabe, no contexto das organizações, discriminar algumas modalidades de patrimônio mais relevantes, como se verá a seguir.

2.2.1 Patrimônio de Afetação

Esse tipo de patrimônio é adotado no Brasil, mais especificamente no ramo da construção. Ele permite que cada empreendimento de uma construtora possua patrimônio próprio e contabilidade independente separada das demais operações da empresa, com o intuito de preservar o patrimônio de um novo empreendimento, como, por exemplo, impedir a transferência de recursos para um empreendimento antigo em caso de dificuldade econômica.

2.2.2 Patrimônio de Imagem

A imagem de uma organização é um de seus maiores patrimônios, se não o maior. Ela vai muito além dos produtos vendidos, dos serviços prestados. São os valores, filosofia e princípios de uma empresa, aquilo em que ela se baseia. Muitas vezes, a forma como os consumidores a vêem influenciam mais no seu êxito mercadológico do que a própria qualidade dos produtos oferecidos. Com acesso tão vasto à informação, o consumidor se tornou mais exigente, pois hoje não se compra um produto apenas pela qualidade do mesmo. O cliente quer conhecer a empresa que lhe fornece produtos e serviços. A responsabilidade social é imprescindível para a imagem de uma organização. Dificilmente o consumidor instruído e consciente compra produtos de uma empresa que usa mão de obra escrava ou faz desmatamento ilegal, por exemplo. A imagem de uma instituição é o que fica gravado em nosso inconsciente, aquilo que nos atrai ou nos repele ao consumo de um determinado produto.

Nessa perspectiva, Salvador (2018) mostra como a internet/tecnologia vem impulsionando a troca de informações, fazendo do consumidor um grande influenciador na gestão das marcas, já que essa troca não é só entre consumidor e marca, mas também de consumidor para consumidor. Os usuários geram conteúdo e nem sempre são benéficos para uma empresa, fazendo com que fique muito mais difícil uma empresa conseguir se proteger de crises, que geralmente resultam da publicidade negativa na web, podendo prejudicar a reputação da empresa/marca. A marca é como uma história que está relacionada diretamente com o produto, sendo assim tendo a marca ter a reputação do produto em si, por este motivo as marcas são de grande importância, e também são e também são muito sensíveis à opinião pública. Com essa tendência de crise, as empresas precisam trabalhar com a hipótese de que as crises podem acontecer a qualquer momento, sendo assim ela tem se dedicado mais às redes sociais e o SAC, para acompanhar e responder os consumidores, não deixando sua marca manchar.

2.2.3 Patrimônio de Informação

A informação é um importante patrimônio para toda e qualquer empresa. O mercado nunca foi tão dinâmico quanto nos dias atuais e a tecnologia é um dos fatores

responsáveis por esse cenário. Há uma busca constante por informações cada vez mais detalhadas e precisas sobre tudo. As empresas que investem em informação têm crescido e se destacado cada vez mais. Esse crescimento ocorre em função da necessidade cada vez maior de informações de maneira ágil e segura. Desta forma, fica clara a importância da informação em uma organização. Contudo, a informação por si só não basta. É necessária uma gestão eficiente para tomar decisões a partir das informações disponíveis.

Torna-se válido afirmar que a informação deixou de ser apenas parte do patrimônio das empresas para se tornar atividade principal de algumas, como, por exemplo, a Google, que hoje é uma empresa de informação e softwares, com um grande patrimônio em constante crescimento.

Contextualizando para o tema aqui proposto, desde que a pandemia da Covid-19 foi anunciada, algumas empresas começaram a buscar métodos inovadores e arriscados para contornar o problema e diminuir os impactos econômicos que começaram a surgir. As que tiveram êxito, e conseguiram se manter no mercado, mesmo com as dificuldades causadas pela crise global, só tiveram tal resultado porque buscaram informações atualizadas e colocaram em prática ações estratégicas para a sobrevivência da organização.

Pode-se observar, portanto, que a definição de patrimônio está em constante mudança; se antigamente patrimônio só podia ser definido por bens tangíveis, atualmente empresas reconhecidas - como o próprio Google - detêm patrimônios intangíveis enormes.

2.3 Vulnerabilidade Empresarial

Tendo como foco principal a relação entre as taxas de desemprego da sociedade e o declínio organizacional crescente, Evelyn Et al. (2017) apresentam diversas teorias sobre o ciclo de vida de uma organização, ou seja, o tempo de existência de uma empresa desde sua fundação até sua morte. Em geral, entende-se que o declínio organizacional é o último estágio de uma empresa, mas que pode ser reversível. Ao que diz respeito às causas do declínio, existem fatores que, para os estudiosos da área organizacional, são os principais causadores de falhas internas, mesmo que não sejam todos ligados à administração organizacional. Os autores do artigo definem a deterioração de setores diferentes como sendo um dos principais

causadores do fim de uma empresa. Cada perda, seja de recursos, seja de capacidade para continuar atuando, são considerados como causas do declínio organizacional, mas o declínio não diz respeito ao fim da organização, pois este ainda vem antes da falência total e pode ser revertido com a tomada de decisões assertivas. Atualmente, grande parte das organizações não conseguem essa mudança de cenário positiva e acabam tendo seu patrimônio reduzido e perdido até que se chegue ao fim completo de uma empresa. Na seção seguinte serão abordados alguns dos fatores exógenos e endógenos que ocasionam a falência de uma organização.

2.4 Necessidades da Estrutura Organizacional

Entende-se como estrutura organizacional a forma como a empresa é organizada em torno da divisão de atividades e recursos com fins de cumprir os objetivos da empresa. "No transcurso da história pode acontecer que a empresa tenha um crescimento muito rápido, alcançando dimensões tais que os dirigentes da entidade perdem o controle sobre a totalidade de seus processos." (NOVA, 2007, s.p.). Algumas características se tornam elementos preciosos à estrutura administrativa e econômica de uma empresa, como o planejamento tributário que se trata da gestão do pagamento de tributos de uma organização e configura-se também como o estudo de maneiras de reduzir legalmente a carga tributária que incide sobre ela.

Os tributos (impostos, taxas e contribuições) representam importante parcela dos custos das empresas, se não a maior. Por isso a importância de um planejamento tributário com profissionais qualificados. As novas ferramentas de gestão, escrituração e tecnologias exigem do contador qualificação, ética, moral, teoria, aplicação prática e uma constante atualização para que possam desenvolver suas atividades de forma eficiente, evitando assim até mesmo uma futura falência. Uma empresa que não dispõe de profissionais capacitados comprometidos, está fadada ao fracasso. Os colaboradores são o principal ativo de qualquer organização.

Um elemento fundamental, que deve ser encontrado nos colaboradores e na alta administração de uma empresa é a ética. A todo o momento recebemos notícias de desvios, tanto no mundo corporativo quanto no mundo governamental. Os valores éticos deveriam estar enraizados em toda corporação, uma vez que é necessário que haja confiança vinculada à imagem de uma organização. Nessa mesma linha de

raciocínio, Ferreira et al (2012) frisam estudos sobre as micro e pequenas empresas, visto que são tão importantes para a economia do país, e que estão em ascensão. Com o aumento constante de brasileiros com espírito empreendedor, ocorre o surgimento de novas empresas de pequeno porte, que por inúmeros motivos acabam fechando. Pensando nessa questão, esta pesquisa busca expor um estudo quantitativo e qualitativo das razões pelas quais, as empresas de pequeno porte encerram suas atividades precocemente, de forma a verificar se o empreendedor é o único responsável pelo fechamento das mesmas. Sucedeu a uma pesquisa de campo com antigos donos ou sócios de uma empresa na cidade de SP, de forma a analisar características pelas causas multifatoriais. Os resultados desta pesquisa apresentam métodos orientados para que uma empresa consiga sobreviver no competitivo mercado capitalista, entre outras estratégias fundamentais para alcançar o êxito, a satisfação e a continuidade desejada. Os referidos autores se apoiam em dados oferecidos pelo SEBRAE (apud FERREIRA et al., 2012, p. 815) a respeito das razões pela falência das empresas:

- Falta de clientes (18%);
- Falta de capital (10%);
- Problemas de planejamento (10%);
- Perda do cliente único (9%);
- Problemas com sócios (8%);
- Encontrou outra atividade (8%);
- Custos elevados (7%);
- Problemas particulares (7%);
- Falta de lucro (7%);
- Outros motivos (15%).

Por maior que seja uma organização, ela pode ter problemas com falta de recursos devido a um mau investimento, má gestão ou até mesmo falta de corte de custos desnecessários. É preciso estar atento às exigências do mercado em que atua para não ser "engolido" pela concorrência. Todos conhecem a expressão "O cliente tem sempre razão". Obviamente, não se pode levar a expressão "ao pé da letra", mas uma empresa não sobrevive sem os mesmos. Portanto, é necessário estar atento a fim de atrair e fidelizá-los. Uma ferramenta fundamental para formar a imagem da

empresa e torná-la reconhecida no mercado é o marketing. Investir em marketing de forma assertiva garante que o público alvo vai conhecer os produtos e serviços prestados por uma empresa e possivelmente se tornarão clientes.

Todos os pontos citados anteriormente dependem da boa comunicação. Entre os colaboradores, a administração, os gestores, os sócios, investidores, fornecedores, público alvo e clientes é necessário que o que é dito seja compreendido. Ou seja, a comunicação deve ser clara entre todos, mediante aquilo que é necessário ser comunicado a cada setor. Muitas empresas têm problemas com a falta de comunicação e/ou a má interpretação seja interna ou externa.

2.5 Ciclos econômicos e instabilidade financeira conjuntural

Segundo Oreiro (2000), o sistema capitalista se distingue de outros sistemas econômicos pela característica expansionista. Todavia, essa expansão não ocorre de modo linear e homogêneo. Ao contrário, dá-se por meio de flutuações que ocorrem de tempos em tempos. Tais flutuações podem ocorrer tanto nas atividades produtivas quanto nas práticas financeiras. Esse fenômeno foi identificado, ainda nas primeiras décadas do século XX, como ciclos econômicos ou, em inglês, "business cycles".

Segundo Blanchard (1999), ao longo da evolução da economia de mercado, os ciclos econômicos vêm sofrendo significativas variações em termos de amplitude e durabilidade. Enquanto em determinadas conjunturas ocorrem expansões tênues, noutras as expansões são mais acentuadas, e o mesmo ocorre com o fenômeno da contração e flutuações (algumas curtas e outras longas). Assim, visto sob uma ótica de longo prazo, o ciclo implica uma oscilação entre períodos notabilizados por rápido crescimento, resultando em prosperidade, e períodos marcados por certo entorpecimento, nos quais impera a recessão.

Por isso, ao longo do século XX, diversos especialistas em finanças buscavam identificar e analisar quais fatores motivam tais alternâncias no fluxo de desenvolvimento do mercado financeiro. Desse modo, a análise da ciclo dinamo-gênese constitui um dos campos mais profundos da pesquisa macroeconômica (SAMARONE, 2007).

Entre os fatores exógenos, merece nota a crise financeira global. Nos últimos decênios do século XX, o modo de produção e circulação do sistema capitalista atingiu um ponto de desenvolvimento tão significativo que resultou no fenômeno que se

denominou globalização. Segundo Morris (2009), tal período foi balizado por alterações nos sistemas de produção, tais como o maior dinamismo nas relações comerciais, o aumento da competitividade e a implementação de novas tecnologias. Essas alterações levaram diversos países a uma posição privilegiada na economia global.

No entanto, o otimismo gerado pelo êxito econômico acabou desviando a atenção das potências econômicas para possibilidades de uma crise. Assim, a origem da crise econômica mundial tem raízes ainda no início da década de 2000, quando ocorreu o chamado "furo da bolha da internet". Segundo Peron (2014), esse fenômeno ocorreu entre 1995 e 2001, e representa o momento mais marcante da internet ocorrido no último decênio. Seu início se deu em 1995, quando o Netscape realizou um IPO (sigla que em inglês designa a oferta pública inicial de ações). Com isso, a bolha gerou trilhões de dólares em investimentos na internet, contribuindo para o desenvolvimento de novas tecnologias e sites sofisticados, tais como o Google.

Nesse período, criaram-se empresas a partir da Internet, e os valores tais empresas foram supervalorizados pelo mercado, simplesmente pelo fato de serem provenientes da Internet. No entanto, quando os mercados se deram conta do equívoco que cometiam, ocorreu o que se convencionou denominar "estouro da bolha", isto é, diversas empresas foram à falência e inúmeros investidores perderam enormes somas de dinheiro (MORRIS,2009).

Como resultado desse fenômeno que ameaçava abalar a Torte economia estadunidense, foram adotadas algumas medidas com vistas a estimular a continuidade do consumo e da produção. Segundo Soros (2008), a principal medida adotada foi diminuir a taxa de juros para empréstimos. Outra medida foi incentivar o investimento no âmbito imobiliário, já que, com os juros baixíssimos, seria vantajoso comprar imóveis para serem pagos em prestações. Por sua vez, esses mesmos compradores muitas vezes vendiam seus Imóveis, também a juros, buscando no Mercado imobiliário uma forma de negócio lucrativo.

Já os bancos atuavam no sentido de converter em títulos as hipotecas (ou seja, os imóveis que eram oferecidos como garantia de pagamento) e repassá-las aos investidores. Assim, criaram-se as chamadas hipotecas sub primes, ou seja, empréstimos hipotecários altamente arriscados. Porém, o aumento da inflação fez com que as taxas de juros subissem a níveis inesperados, e com isso diminuição do valor dos imóveis e aumento das mensalidades (SOROS, 2008).

Como as famílias não possuíam renda suficiente para cobrir os juros, houve inúmeros "calotes" e, devido à inadimplência, os bancos foram gravemente prejudicados, gerando-se, assim, uma instabilidade no sistema bancário internacional em 2007, e os efeitos dessa instabilidade levaram à chamada Crise de 2008. Com início em meados de 2007 e auge no ano seguinte, uma forte crise financeira desestruturou a economia mundial, ocasionando uma preocupação econômica generalizada e cujos efeitos são comparados à crise de 1929 (ROUBINI,2010).

As projeções de recessão então se alastraram para um grande número de países, já que os Estados Unidos, como maior potência econômica mundial, exercem grande influência sobre a economia global e respondem por cerca de 30% do PIB mundial. As perspectivas de recessão ampla refletiram nas bolsas de praticamente todos os países, onde as perdas se acumularam e o que era um problema financeiro se tornou cada vez mais um obstáculo real, como relata Vasquez (2008), com reflexos no emprego, nos salários e na renda.

As consequências da crise foram imediatas e, gradativamente, o problema foi se disseminando para outros países de outros continentes. Os principais danos trazidos pela crise aos mais diversos países foram os prejuízos financeiros e a desaceleração do crescimento econômico. Isso porque, enquanto nos países desenvolvidos a crise tem ocasionado uma pressão inflacionária, nos países subdesenvolvidos ela tem causado mais danos, pois, "além da desaceleração, dos riscos financeiros e da pressão inflacionária, há reversão da tendência de afrouxamento da restrição de balanço de pagamentos". (GONÇALVES, 2012, p. 1).

Segundo Canzian (2009), a "atmosfera de ansiedade" e receio decorrente da crise levou à contração da concessão de crédito e se passou a evitar ou adiar ao máximo a implementação de projetos de investimentos. Krugman (2009) acrescenta que as consequências do colapso foram observadas no mundo todo, uma vez que o encolhimento inesperado da economia estadunidense reduziu a oferta de crédito no mercado mundial, provocando uma contração do PIB mundial e, por conseguinte, levando à adoção de medidas de contenção em todos os países envolvidos. Como acrescenta Matias-Pereira (2014), a crise de liquidez na economia, decorrente dos desequilíbrios que se acumularam no período de crise, restringiu a oferta de crédito não apenas para bancos, mas para empresas que se financiam no exterior.

Portanto, a crise econômica global, que eclodiu com intensidade nos Estados Unidos a partir de 2007, apresentou-se como uma ameaça concreta a quase todas as

economias mundiais, configurando um processo de forte desaceleração econômica no mundo, com efeitos perversos sobre o emprego e a renda das populações mundiais. Tal crise, decorrente dos desequilíbrios que foram se acumulando no desdobramento da crise financeira internacional, alastrou-se por quase todas as economias do mundo, em uma reação em cadeia que exibiu uma face preocupante da globalização econômica, de forma que o mundo todo passou por um período de forte recessão econômica.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu alertas sobre um alto número de casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de um novo tipo de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Uma semana depois, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram que haviam identificado o novo vírus da família Sars. Estes vírus são a segunda principal causa de resfriado comum (após rinovírus) e, até as últimas décadas, raramente causavam doenças mais graves em humanos do que o resfriado comum. Sete coronavírus humanos (HCoVs) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o, mais recente, novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de Fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2). Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença COVID-19.

Em 30 de janeiro de 2020, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) - o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Dias depois, em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. Neste contexto, é a sexta vez na história que uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional é declarada. As outras foram:

- 25 de abril de 2009: pandemia de H1N1
- 5 de maio de 2014: disseminação internacional de polí vírus
- 8 agosto de 2014: surto de Ebola na África Ocidental

- 1 de fevereiro de 2016: vírus Zika e aumento de casos de microcefalia e outras malformações congênitas
- 18 maio de 2018: surto de ebola na República Democrática do Congo

A pandemia do Covid-19 causou grandes repercussões, não apenas de ordem biomédica e epidemiológica em escala global, mas também impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos sem precedentes na história recente das epidemias. O cenário pandêmico evoluiu rapidamente e de forma drástica. Os sistemas de saúde de vários países entraram em estado de emergência, não tendo recursos para cuidar dos infectados. Segundo atualizações recentes do Painel Coronavírus, até Novembro de 2022, já foram registrados mais de 35.104.670 de casos da doença e cerca de 689.341 óbitos confirmados no Brasil. Socialmente os desdobramentos da doença foram terríveis para a população. Foram registrados altos números de distúrbios mentais e emocionais, que se desenvolveram durante a pandemia, como por exemplo: depressão, ansiedade, pânico e fobias.

A evolução desse contexto afetou não somente a saúde, houve impactos degradantes na economia, decorrentes do fechamento das fronteiras internacionais, a volatilidade do mercado de capitais, o aumento dos gastos (públicos e privados) com equipamentos de proteção e prevenção, a diminuição da procura de determinados produtos e serviços e a paralisação no funcionamento de empresa. Estas, por sua vez, foram forçadas a mudar o método de operação, muitas fecharam temporariamente e adotaram o formato de home Office para continuar suas atividades. Em decorrência do fechamento do comércio e obrigatório confinamento da população, apenas as empresas que compõem as atividades essenciais, como farmácias, supermercados e lojas de material de construção, mantiveram-se ativas, enquanto as demais viram suas receitas despencarem. Isso propiciou um efeito imediato no mercado, levando ao fechamento de empresas já consolidadas e a demissão em massa de colaboradores.

Segundo pesquisas desenvolvidas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2020, dos 3,0 milhões de empresas em funcionamento na segunda quinzena de julho daquele ano, 37,5% informaram que a pandemia afetou negativamente suas atividades, enquanto para 36,3% o efeito foi pequeno ou inexistente e para 26,1% o efeito foi positivo. As empresas do setor de Serviços foram as que mais sentiram impactos negativos (42,9%), com destaque para o segmento de

Serviços profissionais, administrativos e complementares (53,8%). No Comércio, 36,5% relataram efeitos pequenos ou inexistentes e na Construção, 55,4%. No setor industrial, 35,8% destacaram impacto pequeno ou inexistente, 33,6% efeito positivo e para 30,6% o impacto foi negativo. Os efeitos negativos foram percebidos por 37,6% das empresas de pequeno porte, 34,4% das intermediárias e 37,8% das de grande porte. Por grandes regiões, os efeitos seguiram negativos para 49,6% das empresas no Nordeste, 44,7% no Centro-Oeste, 36,7% no Sul, 33,3% no Sudeste e 29,4% no Norte.

Também foi observada nesta pesquisa a capacidade das empresas em atender aos clientes durante a pandemia. 55,0% das empresas em funcionamento não tiveram alteração significativa na sua capacidade de fabricar produtos ou atender clientes, 33,1% tiveram dificuldades e 11,6%, facilidades. Além disso, 45,3% tiveram dificuldades no acesso aos seus fornecedores e 44,8% não perceberam alteração significativa.

Quanto ao quadro de funcionários: 84,6% das empresas em funcionamento (2,5 milhões) mantiveram o número de funcionários na segunda quinzena de julho em relação à quinzena anterior, e 7,9% indicaram redução no quadro.

No sentido de reduzir os prejuízos causados pela pandemia do Coronavírus, o Governo Federal vem realizando uma série de ações econômicas, para auxiliar na sobrevivência das empresas, como: Auxílio Emergencial 2021, Novo BEm, Pronampe e o Tarifa Zero. entre as empresas que adotaram alguma dessas medidas, cerca de 30,2% das empresas sentiram-se apoiadas pela autoridade governamental, sendo mais frequente entre as empresas de grande porte. Entre as que adiaram o pagamento de impostos, esse percentual foi de 60,8% e entre as que conseguiram linhas de crédito para o pagamento da folha salarial, 87,4%.

3 DICAS PARA RECUPERAÇÃO EMPRESARIAL

Dois anos após a Covid-19 ser classificada como pandemia, a economia Brasileira ainda sofre com alguns impactos negativos. Muitos especialistas tem buscado estratégias que se tomadas por algumas empresas pode colaborar na sua recuperação financeira e até mesmo ajudar a evitar crises internas caso um cenário socioeconômico, como o iniciado em 2020, venha acontecer. Abaixo listamos algumas destas estratégias:

- Planejamento e ajuste de produção

Ajuste a produção de seus produtos a demanda pelo mesmo, assim se evita ter estoque parado ou até mesmo desperdício de matéria.

- Avaliação de contratos com fornecedores

Busque relações comerciais que favoreçam o cenário atual da sua empresa. Evite contratos desproporcionais a atividade e a rotina da organização. Por exemplo: se seus funcionários estão no regime de home Office, talvez não haja necessidade de manter despesa com aluguel.

- Medidas para os funcionários

Para evitar redução do quadro de funcionários e proporcionar segurança aos colaboradores, estabelecer o sistema de home office aos que podem trabalhar remotamente, dar férias aos funcionários e usar o banco de horas são medidas permitidas e indicadas.

- Pagamento de tributos

Busque utilizar os auxílios governamentais que podem estender os prazos de pagamento, ou até mesmo isentar a empresa do pagamento de alguns tributos.

- Busque Atualização e Inovação

Sempre que possível busque atualizar a forma como seus serviços são prestados. Neste ponto, vale ressaltar a importância de busca tecnologias que realmente facilitem as atividades da empresa, as tornando mais acessível ao público alvo. Temos como exemplo disto as lojas, que durante o fechamento do comércio inovaram na forma de vender. Criaram site, por onde seria possível escolher e fazer o pedido do produto desejado, e estes foram entregues através do serviço de delivery.

- “Plano B”

A empresa deve iniciar a formação de um capital para contingências. Ou seja, ter uma reserva financeira de segurança, para ser utilizada em possíveis quadros de crise econômicas. O ideal seria que toda organização, já utilizasse deste método, desde sua fundação, acumulando já de início uma quantia que realmente seja significativa para colaborar com momentos de instabilidade econômica. Vale ressaltar que, não é fácil criar uma reserva financeira abonada se não se mantiver um regime de disciplina, ética e até mesmo, criar o hábito de fazer investimentos de baixo ou médio risco. Para ter êxito no planejamento e execução da estratégia de contingência, é necessário ter especialistas de contabilidade até mesmo um economista.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa se desenvolveu através da necessidade de identificar os fatores atuais, que ligados a crise do Covid-19, causaram impactos negativos na economia brasileira. Adotou-se como problema de pesquisa o questionamento referente a vulnerabilidade financeira que muitas empresas possuem e que somadas a um momento inesperado, como a crise socioeconômica que se desdobrou após a definição do estado de pandemia global. Foram identificados e conceituados elementos de suma importância à estrutura organizacional e também foram listados os principais fatores degradantes.

O que aqui se propôs como objetivo geral consistiu precisamente em identificar os fatores de vulnerabilidade e buscar possíveis soluções para os mesmos. Pode-se considerar que o mesmo foi atingido, na medida em que a pesquisa apresentou alguns dos principais fatores degradantes, tais como a má gestão contábil e a falta de ética. Além disso, procurou-se apresentar consoante ao eixo temático em que a pesquisa se inscreve, o papel da contabilidade como recurso para prevenção em relação as flutuações cíclicas do mercado e às ameaças de instabilidade, quer como dispositivo de minoração dos efeitos em cascata decorrentes do processo de fragilização financeira. Por fim, apresentou-se algumas estratégias, definidas por especialistas, como boas ações para reverter ou até mesmo evitar uma crise interna, decorrente de fatores externos.

No momento de elaboração desta pesquisa, a sociedade ainda está passando pela pandemia, e se algo que esse momento tem nos ensinados, é que precisamos nos organizar e arriscar a tentar algo novo, principalmente no que diz respeito ao mercado, para que as empresas alcancem resultados melhores. Num cenário onde tudo está ao alcance de um clique, por ser mais seguro, prático e confortável, não existe mais espaço para empresas que não se aproveitam da tecnologia que tem a sua disposição para crescer.

REFERÊNCIAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços**. São Paulo: Atlas, 2007.

BLANCHARD, O. **Macroeconomia**: teoria e política econômica. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

CAMPOS FILHO, Ademar. **Demonstração dos Fluxos de caixa**: uma ferramenta indispensável para administrar sua empresa. São Paulo: Atlas, 1999.

CANZIAN, Fernando. **Desastre Global**: Um ano na pior crise desde 1929. São Paulo: Publifolha, 2009.

COSENZA, José Paulo. Perspectiva para a profissão contábil num mundo globalizado - "um estudo a partir da experiência brasileira", Revista Brasileira de Contabilidade. Brasília - DF: ano 30, n.º 130, julho/agosto de 2001.

CRAVEIRO, Ana Isabel Fernandes. **Rácios de Gestão: Método Básico para Analisar a Informação Financeira**. Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra, 2006.

CREPALDI, Silvio Aparecido. **Contabilidade gerencial**: teoria e prática. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

EVELI F. V.; ZANELLI, J. C.; RENTERIA, E.; COSTA, M. L. O declínio organizacional e a ameaça de desemprego ao trabalho. **Interações**, v. 19, n. 2, p. 359-371, abr./jun. 2017.

FAVEIRO, L. H. et al. **Contabilidade Teoria e Prática**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FERREIRA, Luís Fernando Filardi; OLIVA, Fábio Lotti; SANTOS, Silvio Aparecido dos; GRISI, Celso Cláudio de Hildebrand e; LIMA, Afonso Carneiro. Análise quantitativa sobre a mortalidade precoce de micro e pequenas empresas da cidade de São Paulo. **Gestão & Produção**, São Carlos, v. 19, n.4, p. 811-823, 2012.

GALLORO, L. R. S.; GALLORO, V. D. Controle interno e contabilidade como elemento de controle. In: SILVA Junior, José Barbosa (Org.). **Controles internos contábeis e alguns aspectos de auditoria**. São Paulo: Atlas, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007.

IUDÍCIBUS, Sergio de; MARION, Jose Carlos; FARIA, Ana Cristina. **Introdução à teoria da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 2009.

IUDÍCIBUS, Sérgio et al. **Contabilidade introdutória**. 11. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

KRUGMAN, Paul R. **A crise de 2008 e a economia da depressão**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

LEONE, George Sebastião Guerra. **Custos: um enfoque administrativo**. 14. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

LUCENA, WennerGlaucio Lopes. **Uma contribuição ao estudo das informações contábeis geradas pelas micros e pequenas empresas localizadas na cidade de Toritama Agreste Pernambucano**. 2004. Dissertação (Mestrado em Contabilidade). Programa Multi-institucional e Inter-Regional de Pós-graduação em Ciências Contábeis. - Convênio UnB, UFPB, UFPE e UFRN, João Pessoa, 2004.

MARION, José Carlos. **Contabilidade básica**. São Paulo: Atlas, 2008.

MARION, José Carlos. **Contabilidade empresarial**. 16. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

MORRIS, Charles. **O Crash de 2008**. São Paulo: Aracati, 2009.

OREIRO, J. L. **Incerteza, instabilidade macroeconômica e crescimento endógeno: ensaios em teoria pós-keynesiana**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

PADOVESE, Clóvis Luiz. **Contabilidade Gerencial: um enfoque em sistema de informação contábil**. 6 ed. São Paulo, Atlas, 2009.

RESNIK, P. **A Bíblia da Pequena Empresa**. São Paulo: Makron Books, 1991.

ROUBINI, Nouriel. **A economia das crises**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1990.

SÁ, Antônio Lopes de. **História geral e das doutrinas da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1997.

SALVADOR, Alexandre Borba. Gestão de crise de marca: o uso de informações. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 20, n.1, p. 74-91, jan-mar. 2018.

SÁ SILVA, Eduardo. **Gestão Financeira: Análise de Fluxos Financeiros**. São Paulo: Vida Económica, 2007.

SILVA, Edson Cordeiro da. **Como administrar o fluxo de caixa das empresas: guia prático e objetivo de apoio aos executivos**. 2. ed. rev. São Paulo: Atlas, 2006.

SOROS, George. **O Novo Paradigma para os Mercados Financeiros: a Crise Atual e o que Ela Significa**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

VERGARA, Svlvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 10a ed. São Paulo: Atlas, 2010.

YEAMARONE, Richard. **The Trader's Guide to Key Economical Indicators**. London: Bloomberg Press, 2007.

SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). (2011) **Critérios de classificação de empresas**. Disponível em: <http://www.sebrae-sc.com.br/leis/default.asp?vcdtexto=4154>, acesso: 10 jun. de 2022.

ZANLUCA, Júlio César; ZANLUCA, Jonatan de Souza. **História da Contabilidade**. Disponível em: <http://www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/historia.htm>, acesso em: 26 jun. 2022.

NOVA, Elias. **O problema é a estrutura organizacional das empresas**. 2007. Disponível em: <http://www.administradores.com.br/artigos/economia-e-financas/o-problema-e-estrutura-organizacional-nas-empresas-parte-i/20099/>, acesso em: 27 jun. 2022.

SOUSA, Rainer. G. **A Evolução do homem**. (2015, s.p). Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com/historiageral/a-evolucao-homem.htm>, acesso em: 30 ago. 2022.

PERON, André. **Entenda a crise econômica, com um pouco de economês!** Disponível em: http://www.prevestibular.ufsc.br/site2/Materialapoio/ACriseEconomica_AIT.pdf, acesso em: 14 nov. 2022.

MAUSS, C. V. **A Evolução da Contabilidade e Seus Objetivos**. (2015). Disponível em: http://w.aedb.br/seget/artigos07/1401_Artigo%20Seget.pdf, acesso em: 14 nov. 2022.

MATIAS-PEREIRA, J. **Efeitos e custos da crise financeira e econômica global no Brasil**. Disponível em: <http://www.eumed.net/cursecon/ecolat/br/09/jmp.htm>, acesso em: 14 nov. 2022.

GONÇALVES, R. **A crise internacional e a América Latina, com referência especial ao caso do Brasil**. Disponível em: <http://www.ie.ufrj.br/datacenterie/pdfs/seminarios/pesquisa/texto2110.pdf>, acesso em: 14 nov. 2022.

CONTÁBEIS, (2015, s.p). Disponível em: <http://www.contabeis.com.br/artigos/2175/evolucao-da-contabilidade-a-ciencia-dos-dias-atuais/2>, acesso em: 14 nov. 2022.

FIA (2020). **Coronavirus e o impacto nos negócios: como preparar sua empresa?** Disponível em: https://fia.com.br/blog/coronavirus-e-o-impactonosnegocios/amp/?gclid=EAlaIqobChMjITPzOr4-gIvAieRCh0Rgw-cEAYAYAAEgKiDvD_BwE, acesso em: 15 nov. 2022.

BANCO CENTRAL (2020). **Fechamento de empresas na pandemia**. Disponível em: https://www.bcb.gov.br/conteudo/relatorioinflacao/EstudosEspeciais/EE099_Fechamento_de_empresas_na_pandemia.pdf, acesso em: 15 nov. 2022.

NERY, Carmen. **Pandemia foi responsável pelo fechamento de 4 em cada 10 empresas com atividades encerradas.** Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28295-pandemia-foi-responsavel-pelo-fechamento-de-4-em-cada-10-empresas-com-atividades-encerradas>, acesso em: 17 nov. 2022.

OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19.** Disponível em:

<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2031%20de%20dezembro%20de,identificada%20antes%20em%20seres%20humanos>, acesso em: 17 nov. 2022.

CORONAVIRUS BRASIL. **Painel Coronavirus.** Disponível em:

<https://covid.saude.gov.br/>, acesso em: 18 nov. 2022.

FIO CRUZ – FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Impactos sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia.** Disponível em:

<https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>, acesso em: 20 nov. 2022.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **O IBGE apoiando o combate à COVID-19.** Disponível em:

<https://covid19.ibge.gov.br/pulso-empresa/>, acesso em: 20 nov. 2022.

ACSP - ASSOCIAÇÃO COMERCIAL SÃO PAULO. **6 medidas para superar a crise e retomar o desempenho do seu comércio.** Disponível em:

<https://acsp.com.br/publicacao/s/6-medidas-para-superar-a-crise-e-retomar-o-desempenho-do-seu-comercio>, acesso em: 20 nov. 2022.